

# FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS EM TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DA PROPOSTA DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE (RME-BH)

TRAINING LITERARY READERS IN LITERACY CLASSES IN YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA):  
SOME REFLECTIONS ON THE PROPOSAL OF THE MUNICIPAL EDUCATION NETWORK  
OF BELO HORIZONTE (RME-BH)

**Marta Passos Pinheiro**

Centro Federal de Educação Tecnológica  
martapassaro@gmail.com

**Ana Paula Pedersoli**

Universidade do Estado de Minas Gerais  
paulinhapedersoli@gmail.com

**Chrisley Soares Felix**

Universidade FUMEC  
chrisleysoares@yahoo.com.br

## RESUMO

O encontro entre os sujeitos das turmas de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a literatura é tema pouco discutido nos meios acadêmicos e, conseqüentemente, poucos estudos são divulgados nessa área. Neste artigo pretendemos um ensaio sobre a formação de leitores literários em turmas com estudantes em processo inicial de alfabetização na EJA. Para tal, apresentamos conceitos como “leitura literária”, “mediação”, “letramento literário” e “formação do leitor literário” ao mesmo tempo em que apontamos desafios e possibilidades para o uso da literatura em sala de aula. Além disso, apresentamos uma proposta da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH) de seleção de livros literários destinados aos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Nesse percurso reflexivo aspectos relacionados à formação literária dos/as estudantes são desenvolvidos, num percurso que pretende conscientizar sobre a formação literário enquanto garantia de direito que permite ampliar o acesso à cultura, a bens simbólicos, a ampliação do conhecimento de mundo, a desenvolvimento de aspectos éticos, estéticos, à possibilidade de desenvolvimento de autonomia leitora e escolha literária.

**Palavras chave:** formação literária, alfabetização, Educação de Jovens e Adultos.

## ABSTRACT

The encounter between the subjects of literacy classes in Youth and Adult Education (EJA) and literature is a topic that is little discussed in academic circles and, consequently, few studies are published in this area. In this article we intend to write an essay on the formation of literary readers in classes with students in the initial literacy process in the EJA. To this end, we present concepts such as “literary reading”, “mediation”, “literary literacy” and “literary reader training”, while also pointing out challenges and possibilities for using literature in the classroom. In addition, we present a proposal by the Belo Horizonte Municipal Education Network (RME-BH) to select literary books for the subjects of Youth and Adult Education. In this reflective journey, aspects related to the literary education of students are developed, in a way that aims to raise awareness of literary education as a guarantee of the right to broaden access to culture, to symbolic goods, to expand knowledge of the world, to develop ethical and aesthetic aspects, and to develop the possibility of reading autonomy and literary choice.

**Key words:** literary education, literacy, Youth and Adult Education.

## Introdução

No geral, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é pouco explorada na formação de professores e também pouco valorizada no que diz respeito a políticas públicas. Quando falamos do trabalho com a literatura nessa modalidade de ensino, a exploração é ainda menor, quase inexistente.

Na busca por referenciais sobre formação literária em turmas de alfabetização da EJA não encontramos registros que dialoguem sobre caminhos e percursos nessas turmas. Na prática, a observação das salas de aula mostram que propostas direcionadas ao trabalho com o texto literário são escassas e, muitas vezes, direcionadas a ampliação do conhecimento sobre determinados temas e conteúdos que estão sendo trabalhados na sala de aula, e não especificamente à literatura em si.

Um fato que frequentemente é colocado como empecilho é a escassez de obras que sejam produzidas ou direcionadas especificamente para os/as estudantes alfabetizando da EJA. Por isso, desde 2017 a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH) desenvolve a proposta de selecionar livros literários para a EJA para promover a formação de leitores literários. Entretanto, muitos são os desafios, que vão desde o processo de escolha à utilização adequada das obras que compõem o kit.

No que diz respeito ao termo “literatura”, defende-se que ele é algo bastante debatido entre os teóricos, não havendo um conceito fechado para esse termo. Isso porque essa “indefinição” está na relação que a literatura tem com os contextos históricos vivenciados pela humanidade. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (CANDIDO, 2011, p. 177).

Ainda segundo Candido (2011, p.178-179) “A literatura é uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado; ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente”. E talvez aí esteja a grande riqueza desse campo: a impossibilidade de uma conceituação universal, pois, se a literatura é a arte de construir a partir do que “está pronto”, sendo possível construir diversos sentidos a cada leitura, logo seu conceito também se situa na ordem da

subjetividade, devendo ser construído de maneira individual, a partir das experiências e percepções que se tem no contato com o literário.

Paulino (1999) aponta que os textos literários envolvem, simultaneamente, a emoção e a razão em atividade. Sua organização provoca surpresa por fugir do padrão característico da maioria dos textos em circulação social. No processo de trazer o simbólico como um dos elementos mais marcantes do texto literário.

Dialogamos com esses autores pois acreditamos, assim como eles, na literatura enquanto objeto que trabalha o imaginário, que desperta emoções, que foge de padrões e que permite a interação e construção criativa junto ao texto.

Ao dialogar com eles, defendemos uma postura da literatura enquanto objeto de direito, que não deve ser negado, pelo contrário, deve ser oportunizado cotidianamente e enquanto prática contínua de acesso ao texto, enquanto bem simbólico e instrumento de ampliação de conhecimento.

## **A escolha dos livros literários para a Educação de Jovens e Adultos na RME-BH**

Anualmente, a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte realiza um processo de seleção de obras literárias para o público atendido (que vai desde a educação infantil até o fim do ensino fundamental). A seleção acontece desde 2008, entretanto, a EJA passou a ser contemplada com a proposta apenas a partir de 2017.

Para a seleção do acervo que será distribuído às escolas são tomados como referência os critérios de escolha utilizados pelo Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE) que, por anos foi vigente enquanto política nacional de distribuição de obras literárias.

Além dos cuidados que dizem sobre aspectos estéticos, éticos, ausência de moralismo, de erros gramaticais e do cuidado para que sejam literários e não didáticos, há também o cuidado com a adequação ao perfil do público atendido (idade e perfil dos estudantes), bem como com a diversidade de gêneros textuais (poemas, contos, crônicas, romances, cordel, livros de imagens, histórias em quadrinhos, etc.) e de editoras e autores.

Para que o processo seja democrática e apresente diversidade de obras, anualmente é publicado no Diário Oficial do Município (DOM) de portaria que torna público e regulamenta os critérios de execução da política do kit literário.

Cada editora pode inscrever até dez títulos, que são analisados e selecionados por uma comissão diversificada, composta por professores, bibliotecários e outros servidores com experiência no processo de avaliação de livros literários. Essa equipe passa por um processo de formação junto a equipe da Gerência de Bibliotecas (GERBI) e é acompanhada por ela ao longo do processo de seleção das obras<sup>1</sup>.

Além disso, a equipe produz catálogos com resenhas das obras a fim de apresentá-las à comunidade escolar. Ao fim da seleção, é feita uma reunião com as escolas e apresentadas as obras selecionadas, justificando o critério (qualidade literária) e a relação com o perfil dos estudantes a serem contemplados com os livros. Além disso, ao longo de um determinado período é realizado o “Encontro com Escritores<sup>2</sup>”, a fim de potencializar a interação com as obras e a formação do leitor literário.

1 Para saber mais, consulte <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/pbh-entrega-novos-livros-de-literatura-infantil-e-infantojuvenil-para-escolas>.

2 Para saber sobre algumas ações de 2023 acessar <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/secretaria-de-educacao-realiza-encontros-com-autores-de-livros-do-kit-literario>

No que diz respeito às turmas de alfabetização da EJA, os desafios são constantes. Muitos professores se queixam da dificuldade de trabalhar o livro com os estudantes, pois eles ainda não se apropriaram da leitura, em alguns textos a letra não tem tamanho compatível às necessidades desses sujeitos (por serem, em sua maioria mais velhos, precisam de óculos e/ou letras maiores), trazem temas infantilizados ou complexos demais.

De fato, há o desafio de que, raras exceções, são produzidos livros direcionados ao público da alfabetização da EJA. A tentativa no processo é, ainda que o livro não tenha sido pensado especificamente para esses sujeitos, sejam selecionadas obras que possam contribuir para formação literária desses estudantes, tendo como eixo central a fruição estética da literatura e formação do hábito leitor (de textos literários).

O que percebemos, muitas vezes é que nas salas de aula, a literatura é utilizada outros fins didáticos, que limitam a possibilidade de construção e interação com o texto e a fazem desse objeto tão rico, algo fechado, indo contra a proposta do programa que envolve o Kit Literário.

Bajour (2012) evidencia que “Muitas vezes a literatura é vista como o instrumento mais atrativo para falar sobre problemas sociais, questões relacionadas a valores, assuntos escolares ou situações pessoais. Quando essa perspectiva predomina, a linguagem artística corre o risco de ficar reduzida tão somente a uma representação de fachada sedutora pela qual se entra para tratar de diversos temas”. (BAJOUR, 2012, p.26).

Uma possível justificativa para o uso inadequado da literatura na escola pode estar na falta de formação recebida pelos docentes ao longo do processo de formação, seja acadêmico seja profissional. É comum nos encontros e acompanhamento de práticas docentes vermos o professor selecionando livros literários a partir de critérios que envolvem a questão “vou escolher esse livro porque ele pode ajudar a trabalhar com números, animais, temas e habilidades diversas”.

Quando trazemos para o universo da Educação de Jovens e Adultos, a perspectiva apresentada por Bajour se torna muito evidente. Vemos os professores fazendo seleções a partir do que foi citado acima e, também, de outros dois critérios: tamanho da letra e quantidade de páginas, não sendo critério, num primeiro momento, questões ligadas a qualidade literária.

A questão apresentada é complexa e desafiadora. Entretanto, entendendo e defendendo o direito dos estudantes alfabetizados da EJA, nos propusemos a refletir sobre aspectos essenciais para a garantia do direito de acesso à literatura enquanto prática de fruição, de apreciação estética, de imersão no universo imaginário. Por isso, neste artigo pretendemos dialogar sobre possíveis caminhos para a garantia da formação literária em turmas de alfabetização da EJA.

## **As premissas sobre o que seja o trabalho com a literatura na escola**

Acreditamos que a leitura literária deve ser marcada pela forma de leitura que tem relação também como o inesperado, com a promoção de sensações que promovem o desejo por se envolver com a história, que nos tocam, nos transformam e nos permitem um encontro inesperado, permeado pelo imaginário e pela criatividade.

Aquino (2012) explica: O que o texto literário pode estabelecer é uma ligação entre este mundo imaginário interno de cada ser leitor ou ouvinte com o mundo real, são as diversas possibilidades de sentido que o próprio texto proporciona, são as reflexões que partirão do texto, é aquilo do escrito que evapora e incita a criação, a destruição de conceitos, de desejos, de opiniões, de sentimentos. (AQUINO, 2012, p. 70).

Nessa direção, Eco (1994) reforça a ideia de que a produção de sentido se faz entre o leitor e o texto, num processo de busca, que, no texto literário, pode lhe levar a mais de um caminho para interpretação, denominando tal processo de interação como acordo ou pacto ficcional.

Construir pacto ficcional com o texto não diz de algo inato ao ser humano, mas de algo construído. Apesar de os estudantes da EJA, em sua maioria, já terem contato com histórias, a construção desse pacto precisa ser ensinada. É preciso que eles aprendam os objetivos de uma leitura literária, pautada na experiência estética de diálogo com o texto.

Aguiar (2001, p. 242) aponta que “ler é ampliar horizontes e a literatura será tanto melhor quanto mais provocar o seu leitor”. Por isso, a escola tem papel fundamental no processo não apenas de garantir o acesso, mas de construir, com intencionalidade, o percurso formativo de um leitor autônomo e que sinta o desejo pela exploração do texto.

O trabalho com a obra literária tem papel fundamental, já que na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver com os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON, 2007, p.17).

Soares (1999) destaca que é preciso ter cuidado ao usar o livro literário na escola e que o problema do mal uso do texto literário na escola não está em seu processo de escolarização, mas nos usos que se faz dele nesse espaço.

O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendida que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (SOARES, 1999, p.22).

A história dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos é marcada por trajetórias de interrupção de sonhos, de negação de direitos, de privação de acesso a várias bens sociais e culturais que circulam em nossa sociedade. São histórias marcadas pela falta, pela dor, pela ausência de oportunidades de escolhas e de realização de sonhos.

Trazer a literatura para a escola, espaço tão sonhado por eles ao longo da vida, implica em democratizar também o acesso à cultura, à possibilidade de imersão no imaginário e de novos olhares para questões sociais, afinal, literatura é também ampliação de conhecimento de mundo.

Sendo a escola o espaço de apropriação da leitura literária, Soares (1999) aponta a necessidade de essa instituição ser eficaz no processo de condução do aluno a práticas que trabalhem na perspectiva da contextualização social, comprometendo-se com um processo adequado de escolarização da literatura, de forma que favoreça o que estamos denominando letramento literário. Na mesma direção, Zilberman (2009) aponta a escola como espaço privilegiado de formação leitora, destacando ainda a diversidade de acervo presente nesse espaço.

## **A importância do mediador na formação do leitor literário da EJA**

Disponer de um acervo de livros literários de qualidade para os estudantes em alfabetização da EJA não é suficiente. Um bom livro pode perder seu valor se a mediação feita a partir dele não for preparada, qualificada, considerando as especificidades do texto literário e dos sujeitos envolvidos no processo de interação com a obra.

Por isso, preparar os/as docentes para explorarem as possibilidades de interação é fundamental. Através disso, permitir que percebam que aspectos tidos, muitas vezes, como empecilho, podem não ser, se forem feitas as devidas adaptações. Estando o processo de formação de leitores no contexto escolar relacionado às práticas de mediação dessa leitura, dialogamos com Cosson (2006) que afirma não ser possível aceitar a simples atividade de leitura como sendo a atividade escolar de leitura literária.

É preciso que os estudantes adquiram habilidades relacionadas ao processo de interação com o texto literário. É preciso criar estratégias e cuidar para não “cercear a leitura direta das obras criando uma barreira entre elas e o leitor” (COSSON, 2006, p. 27).

Filola (2004) aponta a importância de, nesse processo, não nos enveredarmos para um caminho que não seja da aproximação ao universo literário e seu fim. Ele destaca a necessidade de uma leitura para a apreciação, direcionada a um enfoque para a formação de leitores, oferecendo a literatura em seu próprio fim, centrada na formação para apreciação da literatura.

Nesse percurso, a literatura não pode ser vista como uma matéria direcionada para uma aprendizagem homogênea e tipificada, sendo preciso entendê-la enquanto “um conjunto de produções artísticas que se definem por convenções estético-culturais e que se associa a um reflexo de características de um grupo cultural” (FILLOLA, 2004, p.16. Tradução das autoras).

É comum os professores da EJA dizerem da dificuldade em trabalhar as obras do Kit Literário em função da característica de muitos dos livros que o compõem: livros grossos, com letras em imprensa minúscula (e algumas vezes pequenas), de serem muito extensos, de os estudantes não saberem ler fluentemente ainda.

Tal premissa é pautada numa concepção errônea do que deve ser um bom livro literário e está relacionada a má formação de um mediador literário, que apresenta um conceito equivocado para a formação do leitor literário. Cosson (2011) aponta que a interação com o texto literário precisa ir além da fruição do texto, envolvendo a ação de o tornar significativo, enquanto objeto de ampliação do conhecimento, atentando para a necessidade de inserir, ao processo de fruição, o aspecto educativo do texto literário.

Nesse sentido, ser leitor de literatura na escola é mais que fruir um livro de ficção, não sendo suficiente apenas o contato com o texto, mas, sobretudo, a construção singular de sentidos para o texto literário. Por isso, ainda que o estudante não consiga ler de forma autônoma ou o livro a ser lido seja denso e volumoso, é a mediação do professor que irá proporcionar uma boa interação com o texto literário.

Cosson (2011) aponta três momentos distintos relacionados às normas de interação com o texto literário. O primeiro refere-se à pré-leitura, aos momentos de antecipação, previsão, de preparação do leitor para o contato com o texto. O segundo refere-se à efetiva leitura do texto, que está relacionada ao decifrar e compreendê-lo. O terceiro está relacionado à interpretação do texto, ao envolvimento e incorporação do que se leu ao longo da vida, ou seja, se relaciona



[...] ao fato de que ler envolve não apenas a troca de sentidos entre escritor e leitor, mas também “com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço”. (COSSON, 2011, p. 27).

Para que esses momentos sejam significativos é preciso que o mediador prepare bem esses momentos e escolha, a partir do perfil dos/as estudantes, as temáticas que se aproximem da turma, variando gêneros textuais e estratégias de interação com o texto.

Entende-se, ainda, que ler envolve situações de conflito, de desejo por compreender e dialogar com o texto. E esse conflito só é possível se há uma interação qualitativa que permite a atribuição de sentidos e de envolvimento pessoal com o que se lê.

Chambers (2007) destaca a importância das ações envolvidas no processo de leitura literária e afirma que: (...) a “leitura” não tem a ver somente com passar os olhos sobre as palavras impressas, mas é uma ação dramática, composta por muitas cenas interrelacionadas.

(...) la “lectura” no tiene que ver sólo con pasar la vista sobre palabras impresas, sino que es una acción dramática compuesta por muchas escenas interrelacionadas. Ayudar a que los niños participen en el drama de la lectura, ayudarlos a convertirse en dramaturgos (reescritores del texto), directores (intérpretes del texto), actores (representantes del texto), incluso críticos (comentadores, explicadores y estudiosos del texto), es lo que considero nuestro trabajo como maestros de lectura” (CHAMBERS, 2007, p.16).

Assim, formar leitores literários na EJA envolve mais que apresentar aos estudantes obras variadas ou diversidade de autores. Construir a prática leitora envolve isso também, mas passa necessariamente pela construção de sentido do que é uma leitura literária e do que envolve esse processo de aproximação ao texto.

Nesse caminho, entende-se que o livro já não é mais objeto do autor (de quem o publicou), mas passa a ser também do leitor, que se torna autor e que o reescreve a partir das marcas e impressões que imprime ao que lê. Assim, a leitura apresenta-se como um ato carregado de subjetividade e de construções individuais. E isso só é possível aos nossos/as estudantes da EJA se o mediador efetivar boas estratégias de sedução e convite ao diálogo com a obra literária.

Cosson (2011) ressalta que “O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. (COSSON, 2011, p.27).

No percurso de desenvolvimento da formação do leitor é fundamental que haja práticas qualificadas, que estimulem o encontro solidário entre o leitor e o texto, fazendo parte desse trabalho a criação de estratégias que permitam uma melhor interação junto ao texto, favorecendo a construção de um sujeito crítico, que, ao mesmo tempo que dialoga, é capaz de criticar, questionar, reconstruir o texto.

Assim, o mediador de leitura apresenta-se fundamental, pois é por meio dele que os estudantes terão a possibilidade de entrar em contato com o objeto literário de maneira significativa. Por isso, suas práticas precisam ser permeadas por processos que reconheçam a função do texto literário, mas reconheçam também formas apropriadas de “apresentação” da literatura aos sujeitos que se pretende formar como leitores, pois a promoção do contato com o texto e a disponibilidade de espaços não garantem uma relação de qualidade com a literatura.

É necessário um processo formativo que permita ao mediador atingir o leitor pretendido; que o capacite a construir percursos que os levem à formação de sujeitos que desenvolvam a competência

leitora. Por isso, o mediador precisa pensar estratégias de incentivo à interação com o texto, consciente de que as maneiras como a leitura se efetiva influencia na relação que esse novo leitor terá com o literário.

Essa concepção é fundamental para se pensar estratégias, definir concepções e traçar meios e metas de trabalho para o alcance do objetivo (formação de leitores). Nesse processo, faz-se necessário que as práticas que envolvem a leitura literária sejam cativantes e despertem o desejo de se aproximar do livro e das histórias, ao mesmo tempo em que desenvolvem a autonomia leitora.

Por isso, a formação do mediador é importante e deve ser guiada por estratégias que permitam aos articuladores uma boa fundamentação teórica, permitindo que eles se apropriem de discussões referentes a concepções de leitura literária, de formação de leitores e de mediações. Entretanto, apenas a formação teórica não é suficiente.

Entende-se que o processo de formação do mediador envolve também um processo de ampliação de seu letramento literário, uma vez que seu contato e sua interação com o objeto literário são ampliados à medida que ele é convidado a refletir mais sobre os conceitos e práticas que envolvem a leitura literária.

## **A importância de desenvolver o letramento literário na EJA**

Atrelado à qualificação das práticas literárias, é preciso dialogar com o conceito de letramento, mais especificamente, com o de letramento literário, atribuído por Soares (1999) como a capacidade de fazer usos sociais da escrita e da leitura.

A autora aponta que há diferentes tipos e níveis de aprendizagem, que variam de acordo com as “necessidades, da demanda do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural” (SOARES, 1999, p.49). Entretanto, dentro desse conceito maior, há distinções relacionadas ao tipo de letramento, sendo um deles, o literário.

Paulino e Cosson (2009) discutem sobre a necessidade de definir letramento literário como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentido, entendendo que ele é um estado de permanente transformação, pois está relacionado a um processo constante de aprendizagem que se renova a cada interação com o texto literário.

Cosson (2006) aponta como letramento literário “o processo de letramento que se faz via textos literários, compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio” (COSSON, 2006, p. 12).

Ser leitor literário, segundo ele, é se deliciar com as palavras, mas também ser capaz de promover uma interpretação solidária da leitura, em que as trocas de sentido não sejam apenas entre o autor e o leitor, mas também com a sociedade em que estão localizados. Ser leitor de literatura

(...) é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentido. “Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda a experiência estética é o que temos denominado aqui de letramento literário” (COSSON, 2006, p.120).

Assim, espera-se que as mediações sejam pautadas em ações de formação de leitores competentes, que consigam, com autonomia, se apropriar do processo de leitura literária. Cosson (2011) afirma não ser possível “aceitar que a simples atividade de leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária” (COSSON, 2011, p.26).



O letramento literário, enquanto construção de sentidos, se faz no processo de “questionar o texto”, de buscar nos detalhes, atrelando a um contexto e colocando a obra em diálogo com outros tantos textos (Cosson, 2011). Tais procedimentos informam que o objetivo desse modo de ler passa pelo desvelamento das informações do texto e pela aprendizagem de estratégias de leitura para chegar à formação do repertório do leitor.

Sendo necessário, para a promoção do letramento, o contato constante com a literatura, Cosson e Paulino (2009) apontam a importância do mediador e da escola disponibilizarem espaços, tempos e oportunidades para que esse contato se efetive.

Há a necessidade de uma formação que promova uma interpretação solidária do texto, em que as trocas entre o leitor e o texto sejam permeadas pelas vivências daquele que se debruça na experiência de imergir e construir a partir do objeto literário.

Cosson (2014) aponta que muitos problemas que enfrentamos no ensino de literatura advêm da dificuldade de identificar, compreender e, na medida do necessário, separar o modo de ler literário dos outros modos de ler. E isso tem relação direta com o letramento literário, que se associa diretamente às ações propiciadas pelo mediador.

Apresentar e permitir a interação com os diferentes gêneros literários (poemas, contos, crônicas, histórias em quadrinho etc), diversificar estratégias de leitura (individual, coletiva, em voz alto, voz baixa, dentro da sala, na biblioteca, em espaços abertos), autores, editoras, estilos de escrita auxiliam no processo de desenvolvimento do letramento literário.

No que diz respeito aos estudantes alfabetizando da EJA, entender que esse processo terá, inicialmente, o professor como principal autor desse processo é essencial. Cabe a ele todas essas mediações para que, gradativamente, os estudantes possam se apropriar desses processos e, conseqüentemente, adquirir autonomia leitora para textos literários.

Por isso, mais importante que tamanho de letra, densidade do texto, são as escolhas de mediações a serem feitas. Porque o texto com letra pequena pode ser lido pelo professor, o texto denso pode ser lido gradativamente, em momentos e dias específicos de aula, o fato de não conseguir ler sozinho pode ser substituído pela leitura feita pelo professor ou outro leitor mais experiente.

O que não pode é privar o/a estudante de momentos de interação sensível com o texto, num movimento de interação, fruição, envolvimento estético com todas as leituras e sentidos permitidos por ela. Permitir isso a quem, por anos, teve vários de seus direitos negados, inclusive culturais, é oportunizar o exercício da cidadania, enquanto direito que deveria ser sempre presente.

## Considerações finais

Dizer de formação de leitores literários relacionando a estudantes em processo inicial de alfabetização na EJA é tarefa desafiadora. Ao longo desse texto procuramos construir reflexões, apontando aspectos que julgamos essenciais para a formação de um leitor literário.

O primeiro aspecto a ser endossado é que estamos dizendo de sujeitos que ao longo da vida foram privados de vivenciar vários direitos. Isso por vários motivos: por não saberem ler e escrever, por (em sua maioria) viverem em condições de marginalidade social, cultural, econômica. Garantir o acesso a práticas significativas de acesso ao literário pode ser um passo importante para diminuir as barreiras e aproximar esses sujeitos de experiências que ampliem seus horizontes.

Um segundo aspecto é a preparação do professor mediador para envolver os estudantes nas práticas de interação com o texto literário. Não é possível que tal ação seja feita sem uma preparação de

quem irá realizar a condução do processo. Infelizmente, quando pensamos na Educação de Jovens e Adultos, vemos alguns problemas no que diz respeito à formação docente: se raramente encontramos cursos de licenciatura que exploram as especificidades dessa modalidade de ensino, menos ainda encontramos ações que promovem a formação do mediador literário para a EJA. Por isso, na sua busca por formação continuada, é fundamental que o/a educador/a busque leitores e formações que o propicie pensar boas estratégias metodológicas para garantir o acesso a literatura com qualidade.

Como terceiro aspecto, destacamos o desafio da escolha do texto literário. Enquanto para o público infantojuvenil há a produção específica para esses sujeitos, pensando aspectos como temática, tamanho da letra, ilustrações etc, para o público em alfabetização da EJA, o mesmo não acontece. Por isso, o desafio na seleção de obras para serem exploradas na sala de aula, porque requer do professor um cuidado de selecionar a partir de critérios que não estão previamente estabelecidos mas que requerem cuidado com temáticas, aproximação da linguagem aos estudantes, possibilidade de interação com os aspectos explorados pelo texto. Nesse sentido, formar leitores literários na EJA requer uma formação continuada e cuidadosa do professor/mediador.

Destacamos ainda que essa escolha precisa ser cuidadosa e alguns paradigmas precisam ser quebrados. Um deles é a crença de que não se pode ler livros literários infantis para alunos adultos. Sim, podemos! O que não podemos é restringir as práticas de leitura desses sujeitos a apenas essa categoria.

Outro paradigma é de que alguns autores, que apresentam linguagem mais “rebuscada” não podem estar presentes em turmas de alfabetização da EJA. Não só podem, como devem. Trazer os cânones literários, inclusive, é garantir acesso a um bem simbólico extremamente valorizado socialmente. O que não podemos é trazer sem pensar estratégias para que, apesar do desafio da linguagem, os estudantes consigam interagir com os textos.

Por fim, há a premissa que “Se os estudantes estão aprendendo a escrever e a ler com letra caixa alta, só podem ter acesso a livros com letras de imprensa maiúsculas”. Ledo engano. Se estamos defendendo a ideia de que não é preciso dominar a leitura e a escrita para se garantir o direito à literatura, não faz sentido defender tal premissa. Tendo um bom mediador, a letra presente no livro a ser lido é aspecto irrelevante ou pouco importante, pois o principal é a maneira como será conduzida a interação com os aspectos literários da obra.

A proposta apresentada pela Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte é um pontapé importante, pois permite o início de uma caminhada de olhar para a EJA enquanto modalidade de ensino na qual os direitos precisam ser garantidos. Entretanto, se olharmos para o histórico, a EJA foi contemplada tardiamente no processo de escolha de kits. Esse é um movimento comum e que não pode ser aceito: a Educação de Jovens ser excluída ou incluída tardiamente. Entretanto, é um movimento de inclusão que aos poucos vai ganhando espaços. E cabe a nós, educadores envolvidos com a educação básica, esse olhar cuidadoso e de cobrança para que a EJA tenha seus direitos garantidos, inclusive de acesso ao literário.

Expandir horizontes, conhecimentos de mundo, promover ações de interação com a obra literária é permitir a esses sujeitos o desenvolvimento de aspectos essenciais para a formação humana, ética, estética e escolar desses sujeitos.

Por isso, esperamos que esse texto seja o início de um diálogo ampliado sobre a importância da formação do leitor literário em turmas de alfabetização da EJA. Reiteramos nosso desafio em construí-lo em função dos poucos escritos relacionados a essa temática, assim como ressaltamos a importância de se pensar a formação de professores mediadores de leitura literária para a EJA.

## Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. (org.) *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- AQUINO, K. *Ler, contar e ouvir histórias na Educação Infantil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- BAJOUR, C. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- Camera Mineira do Livro. *A Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte divulgou o resultado do Kit Literário 2018*. Disponível em <http://www.camaramineiradolivro.com.br/noticias/a-secretaria-municipal-de-educacao-de-belo-horizonte-divulgou-o-resultado-do-kit-literario-2018/>. Acesso em 13/10/2023
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.
- CHAMBERS, A. *Dime-los niños, la lectura y la conversación*. México: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- COSSON, R. *Círculo de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_\_\_. A prática do letramento literário em sala. In: Gonçalves, A., Pinheiro, C. *Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente*. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_; SOUZA, R. J. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. UNESP, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em: 01 set. 2019.
- ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FILLOLA, A. *La educación literaria: bases para la formación de la competencia-lecto literaria*. Málaga: Ediciones Aljibe, S. L, 2004. (Col. Temas de lengua y literatura).
- PAULINO, G.. Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares. In: REUNIÃO DA ANPED, 22. *Anais...* 1999. (CD).
- PAULINO, G; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (Org). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.
- SOARES, M. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, Aparecida et al. (org.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Autêntica; CEALE UFMG, 2004.
- \_\_\_\_\_. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A; BRINA, H.; MACHADO, M. (org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- ZILBERMAN, R. A escola e a leitura de literatura. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 17-39.

Recebido em: 15/10/2023

Aceito em: 18/06/2024